

THEATRO DE D. MARIA II



A recita de segunda-feira no theatro de D. Maria foi uma festa altamente sympathica e uma estreia sem precedentes.

Annunciava-se o debute d'um rapaz novo, que trazia uma bella reputação d'amador do theatro Academico de Coimbra e que gosava das mais vivas sympathias entre os moços da sua geração.

O nome do debutante era pois muito conhecido entre os membros da classe escolar, e não era por isso de estranhar que o publico na sua maioria fora constituido por esse elemento. Ferreira da Silva acaba de abandonar os bancos universitarios e de assentar praça nas legiões d'essa arte, que sempre foi a sua paixão invencivel.

A Universidade, que tem infectado o paiz com a mais pavorosa horda de bacharcis de que resa a historia, deu-nos agora um desertor sympathico que preferiu o theatro de D. Maria ao Terreiro do Paço, preferiu o pó do palco ao lixo contagioso d'uma burocracia absorvente. Parabens ao desertor. Não tem senão a lucrar com a troca. Tem talento e tem paixão, ha de vingar. Auguramos-lhe um bello futuro d'actor de comedia fina: não lhe falta nada para isso. E' um rapaz cheio d'aptidão, finamente educado com uma illustração superior, e para lhe não faltar nada, é um rapaz bonito. Pode estar certo de que entrou com o pé direito. Dil-o a recepção mais do que amavel, entusiastica, com que foi festejado no *Desquite*.

Receba o nosso mais cordeal *shake-hands*.

MOSAR.

LEITE BASTOS.



O leitor conheceu de certo esse bohemio original e expansivo, cujo enorme talcato se afere precisamente pela sua grande ignorancia, pois que, a despeito d'ella, logrou produzir obras de merecimento como muitos eruditos nunca conseguirão architectar.

A leitora tambem se lembra igualmente do nome de Leite Bastos, esse nome que firmava os romances e folhetins portuguezes mais originalmente interessantes d'esta meia duzia de annos que passou.

Pois descança já, de tanta lida de trabalhador e de tanta loucura de bohemio, esse sympathico e alegre rapaz, que morreu triste e que morreu pobre, como hão de morrer sempre entre nós quantos se dediçuem a este ingrato officio que se chama: divertir o publico.

CHRONICA

Isto hoje não é chronica: é como que uma pagina phantastica dos romances de Edgard Poe, tão extraordinarios são os acontecimentos que passamos a referir!

O primeiro caso passa-se no solar do sr. Fontes, por occasião do ultimo jantar a que assistiram algumas sumidades do partido regenerador.

As sumidades estão na sala, discutindo os altos destinos do paiz e tomando uns copinhos de Bitter opertivo.

Os aromas da sopa de massa, evolvendo-se da cozinha com a maior sem-cerimonia, começam a invadir subrepticamente todos os aposentos do solar, atravessando portas, devassando reposteiros, arrastando-se nas alcantifas, subindo as bambinellas, com manifesto regosijo da pituitaria dos convivas, cujas narinas se dilatam voluptuosamente e cujas linguas principiam a sair da concha, lambendo os beiços de gulosas, como que em busca do corpo solido d'onde se emanam os aromas expargidos...



N'isto, porém, um novo perfume, extranho, singular, inexplicavel, até então não haurido nem conhecido, um perfume mysterioso, incomprehensivel, um perfume sphyngé, se nos permittem a figura de rhetorica, começa a espalhar-se na sala, substituindo completamente na imaginação e no nariz dos circumstantes o outro collega de perfumaria, o cheiro da sopa de massa, que, tão esperançosamente se introduzira pouco antes nas ventas dos esfomeados magnatas!



—Mas o que vem a ser isto?... pergunta o sr. Fontes, frisando a inflexão com um ponto interrogatorio ainda maior de que a sua fama e ainda mais negro de que o seu bigode.

E todos os circumstantes, olhando-se desconfiados e interrogativos, se limitam a responder n'aquella contracção de hombros com que os rapazes de collegio expressam a phrase consagrada:



—Eu cá não fui...

E o exotico perfume continua a espalhar-se activo, violento, em todo o ambito do salão, como um aroma novo, extraordinario, ainda não exhalado das flores mais raras do Japão, nem sequer produzido nas retortas mais engenhosas do chimico Robert, em frente do theatro do Gymnasio!...

—Mas o que é isto? repete interrogando o sr. Fontes.



—E' mirrha... atreve-se a aventar sr. Serpa Pimentel com o lenço no nariz...

—Qual mirrha! treveja o grande homem; bem mirrhado me parece você...

—E' nardo... explica o sr. Corvo com voz insinuante.

—Qual nardo! volve o sr. Fontes iracundo; nardo tinha a sua ex.^{ma} avó...

—E' mirrha, narro e insenso... ousa ainda explicar um terceiro personagem.

D'esta vez o sr. Fontes não responde verbalmente; faz apenas um gesto que é o melhor ponto final de todas as questões...

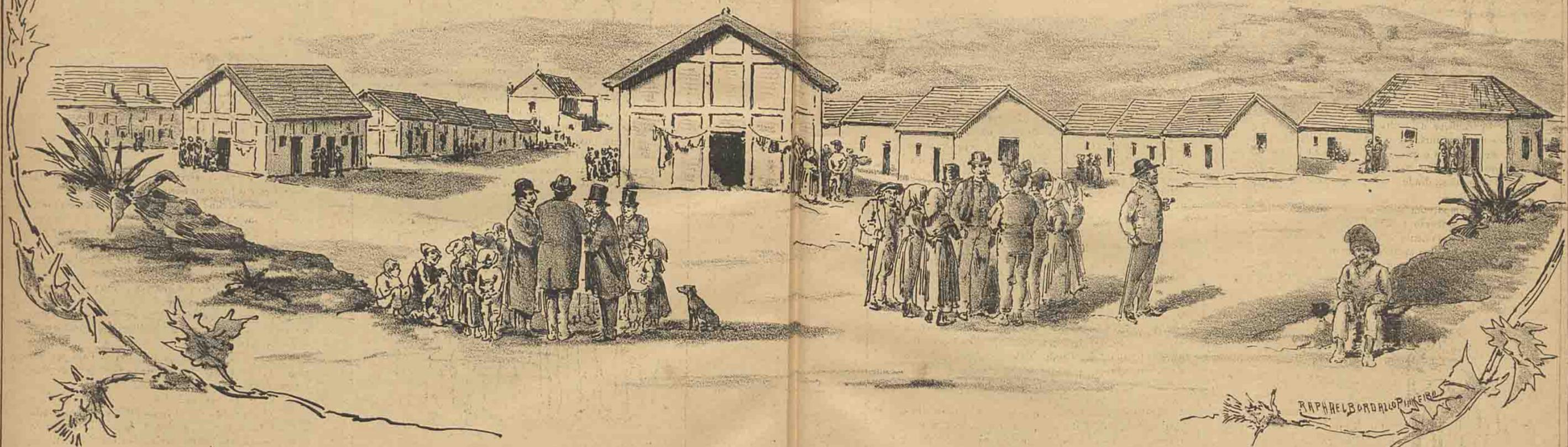
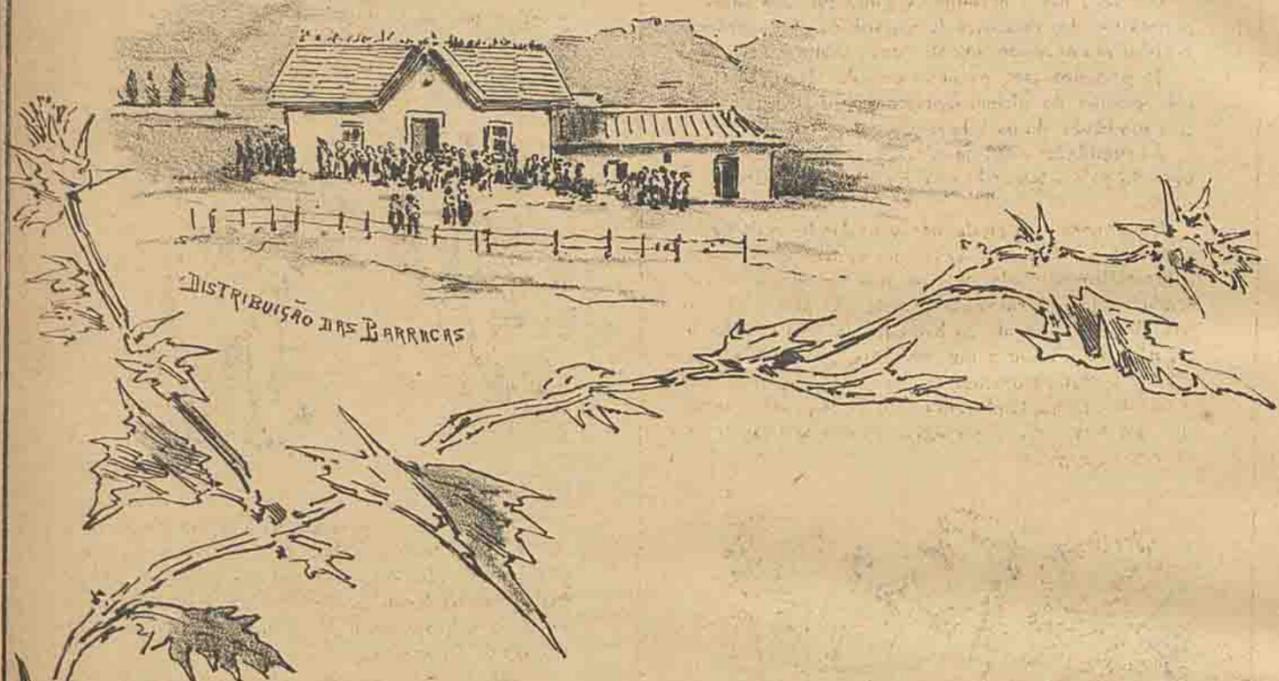
—Passemos á casa de jantar, alvitra d'ahi por um momento; o aroma dos manjares far-nos-ha decerto esquecer este delicioso perfume...

Mas qual fez nem meio fez...

O perfume cada vez se torna mais activo, passando já do olphato para o paladar, de forma que a sopa de massa, os pastelinhos de marisco, as azeitonas d'Elvas, os pratos de mcio, o assado, as sobremezas, o café de Moka, o cognac Hennessy e os proprios charutos de Cuba, tudo, emfim, não sabem a outra coisa senão ao delicioso e extranho perfume cuja procedencia ninguem consegue explicar!...



AS NOVAS HABITAÇÕES DA COSTA DE CAPARICA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Foi o *Antonio Maria*, antecessor dos *Pontos not*, um dos jornaes que o publico mais distinguiu na subscrição destinada a socorrer os pobres de Caparica victimados por mais d'um terrivel desastre. Ao tempo estampou aquelle jornal o desolado aspecto da mísera povoação, e por isso nos parece interessante apresentar hoje o novo aspecto d'esses arecos, ainda ha pouco, do mais insignificante conforto, aspecto agora risonho, com as suas desprezíveis, mas confortaveis habitações, onde se abrigam mais de dusetos pobres que se atrophiam ao desamparo. Lhes não acudisse como accudiu a beneficencia publica, tão bem aproveitada e secundada pelo esforço d'uma iniciativa particular para a qual serão poucos toda a gratidão e todo o elogio.

—Será d'aquí?... e levantam o pé para syndica-rem na sola da bota.



—Será de mim?... e levantam o braço para chei-rarem na manga da casaca.



—Será d'isto?... e puxam a aba da véstia em que o nariz opéra uma devassa rigorosa...

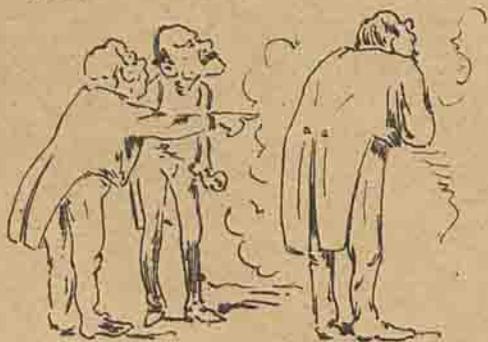


Então o sr. Fontes irritado, desesperado, allucinado, reúne todos os famulos, aos quaes ameaça em breve falla, pelo seguinte teor e geito:

—Ide em cata do que produz este perfume extra-nho e delicioso! Mettei o nariz em tudo, desde os sy-phões hydraulicos da cocheira até os descontos anfructuosos da agua-furtada, e voltae immediatamente a dizer-me onde está o gato, isto e, onde está a causa do delicioso aroma, aliás mandar-vos-hei enforcar a todos sem piedade, despedindo-vos em seguida do serviço de minha casa!...

A este tempo, um velho servo solarengo, de voz grave como o trovão e barbas brancas como a neve, acercando-se lentamente e curvando o dorso como moita maleavel d'uma *turnure* de primeira qualidade, aponta o velho e venerando fura-bolos sobre a pessoa do sr. na parte em que o corpo se divide precisamente ao meio e exclama resolutivo:

—Ali!!!



E cae o panno...

PERFUME REGENERADOR.

Robert vae passar a deitar no lenço dos freguezes aquelle aroma, ao qual denominou: *perfume regenerador*.

O outro acontecimento estapafurdio é-nos referido no noticiario do *Jornal do Commercio*, folha que nos merece toda a consideração, já pela sua idade que é de 34 annos, já pelo seu preço que é de 40 réis.

N'um periodico mais moderno e do custo de dez réis tomaríamos o caso á conta de rapasiada e rapasiada de quem se não presa muito.

Eis a noticia publicada no *Jornal do Commercio*:

«OS MARTYRES EM FESTA.—Realisa-se na proxima quarta-feira, 8 do corrente, uma festa das mais characteristics do nosso meio social. Com o sr. Bento José Vieira da Costa Amorim casa o commendador Marcos Maria Fernandes, industrial conhecidissimo em Lisboa...»

Até aqui nada nos surprehende, nem mesmo a propria epigraphe do artigo: *Os Martyres em festa*, visto como, tratando-se nem mais nem menos que do casamento de dois commendadores um com o outro, isto é, da união sacratissima d'uma commenda por partidas dobradas de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, nada mais natural de que os proprios *martyres* esquecerem interinamente os seus martyrios, pondo-se vinte e quatro horas em festa, n'um brodio, n'um pagode, n'uma rapioca, que metta n'um chinello os mais classificados bresundeiros das pandegas de Carriche e respectivas visinhanças...

O martyr S. Sebastião está plenamente no seu direito de atirar com as setas ao ar, n'um gaudio semelhante aquelle com que o *tambor-mór dos pequeninos* atirou com o bastão no dia em que o sr. ministro da fazenda o nomeou direct. da alfandega do Porto, depois de previamente o accusar de palmar escovas nos hotéis...

Depois do brodio, S. Sebastião tornará a amarrar-se á arvore, com a facilidade com que os irmãos Davemport se desamarravam da cadeira, espetará as setas no seu logar e deixará outra vez cair a viseira n'aquelle ar apoquentado de fazer chorar as pedras da calçada...

Continua o *Jornal do Commercio*:

«A cerimonia realisa-se na igreja dos Martyres, assistindo o ella o que ha de mais *selected*, principalmente no nosso mundo official. Consta que, além do ministerio, luzirão na festa muitos pares do reino, conselheiros, deputados, altos dignatarios da côrte e diplomatas.

O sr. Fernandes deseja dar o maior brilho possivel áquella festa, que promete ser muito interessante.

São padrinhos, da parte do noivo, os srs. Emygdio Navarro, ministro das obras publicas, conselheiro Pinhoiro Chagas, dr. Cunha Belem e visconde do Rio Sado, estando assim representados o poder de hoje, o poder de hontem, o militarismo e o jornalismo politico, e finalmente a fidalguia.»

Tambem não admira que a corte, a camara alta e mais a baixa, os diplomatas e os conselheiros, o militarismo e o jornalismo, e o proprio ministerio actual d'accordo com o transacto, pondo de parte dissidencias da politica, assistam a essa festa, afim de felicitem os dois commendadores que se vão unir pelos laços



matrimoniaes e de lhes manifestarem, como é da praxe, o desejo de que sejam muito felizes e que tenham muitas commendasinhas...

Mas—e aqui é que está o bico d'obra!—conclue o *Jornal do Commercio*:

«Da parte do noivo são padrinhos os srs. ministro da marinha, Henrique de Macedo, munido de uma verruma, lhe queria arrombar a porta.

Appareceu a policia, que o prendeu, e que refere na parte do occorrido que este sujeito *tinha idéas de aggre-dir com a verruma a pobre*, o conselheiro consultor do ministerio das obras publicas, Manoel Affonso de Espergueira, e o avô do feliz nubente...»

Isto é simplesmente assombroso!!!

A' parte a redacção pouco cuidada e um tanto ambigua d'estes ultimos periodos,—o que facilmente se explica, visto que o redactor devia estar com a cabeça á rasão de juros, por causa da originalidade e gravidade do caso—o que é evidente, o que é claro, o que é

positivo, é que o sr. Henrique de Macedo, munido d'uma verruma, quiz, quer, ou vae querer, arrombar a porta a algum ou talvez a ambos os nubentes commendadores!

Ora veja o leitor, aquelle mosquinha morta do sr. ministro da marinha, aquelle songa-monga, que parecia não quebrar um prato, e andar a dormir em pé, sair-nos agora de verruma engatilhada, a querer arrombar as portas dos commendadores, e mais a d'uma pobre que não sabemos quem é, e ainda a do conselheiro João Ribeiro dos Santos e a do engenheiro consultor do ministerio das obras publicas, e, para terminar, assim a laia de sobrezeza, a d'um cavalheiro respeitavel pelos seus annos, visto que já é avô!

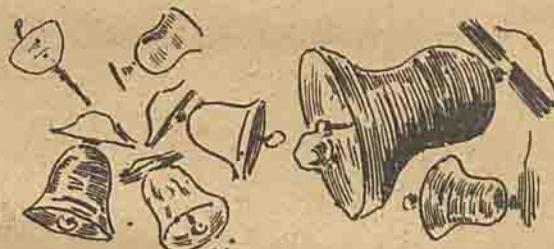
Que raçasinha de verruma aquella, hein?!

Tudo lhe serve: pobres, ricos, commendadores, conselheiros, engenheiros e até avós!!!



Vade retro, com a verruma de tal sujeito!!!...

O CASAMENTO FERNANDES



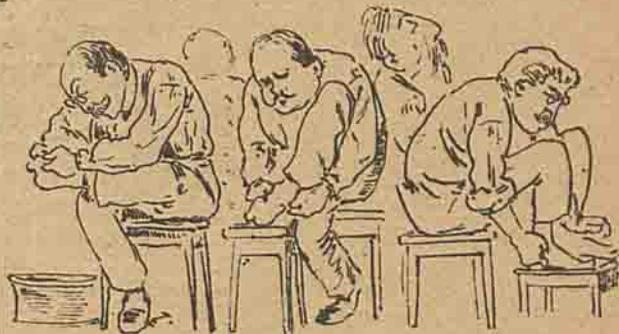
O casamento Fernandes
 Bum!
 Foi uma festa de estalo!
 Bum, catapum!
 Sinos pequenos e grandes
 Davam todos ao badaló!



Os convidados da Baixa
 Bum!
 Entravam na igreja crentes
 Bum, catapum!
 Todos a toque de caixa
 Levando o feio nos dentes!



Toda a gente andou em braga
 Bum!
 E um barborinho tão variq,
 Bum, catapum!
 Que os noivos chegando a casa
 Já não tinham trintanario!



Os padrinhos eram dez,
 Bum!
 De assobio e tres estalos.
 Bum, catapum!
 Mas nenhuma lá pôz os pés,
 Ficaram cortando os callos... (Continua)

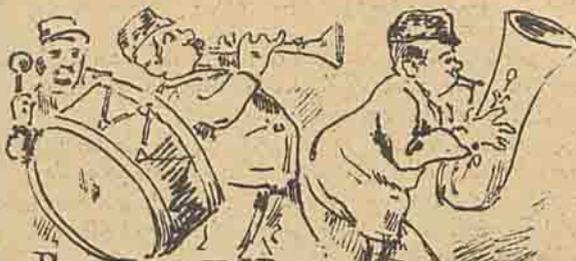
O CASAMENTO FERNANDES



Era o pingalym de escotcha.
 Veio directo da Estranja,
 Para mostrar ser novo um folha
 Te levou flor de laranja



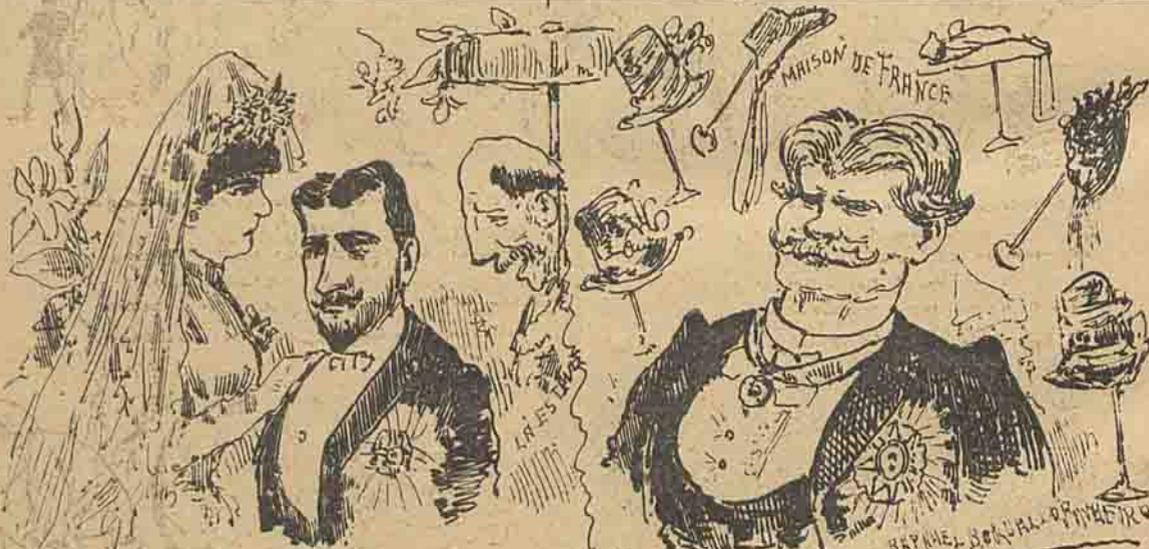
As jantar, á sobremesa.
 Entre o café e as amizades,
 Fez discurso com cerceza,
 O famoso Cunha Seixas.



PUM CATAPUM
 Tudo, enfim, correu um sino
 Sem desastre e sem sinais.
 Jesuino toca o hymno,
 Liberal constituição



Houve, digna de registro
 Uma arrelia, só uma;
 Foi lá faltar o ministro
 Da marinha e da veruma.



A noiva tem agora um peito onde se
 O peito do marido, aúdar, ingente,
 Com elle já marchou no expresso
 pra Vianna do Castello.

O pae Marcos Maria, a litta gentil
 E enquanto ella seje eneta a seu
 Chorando, de barrete, enfia-se na
 Lá na "maison de France!"